

Editorial

O dossiê deste número 30 já é o segundo na revista *Via Atlântica* dedicado a literatura e cultura em Goa, ex-colônia portuguesa no subcontinente indiano com uma tradição literária tão vasta quanto esquecida. O primeiro foi publicado no número 19 do segundo semestre de 2011 e já lá se vão cinco anos. De lá para cá muito se avançou no estudo da literatura goesa de língua portuguesa. Afigura-se um campo de estudo que se tem afirmado recentemente na área dos estudos das literaturas escritas em português. O presente dossiê tem o propósito de contribuir para a sedimentação desse campo. Diversos dos colaboradores daquele número passaram a fazer parte de um projeto temático financiado pela Fapesp, intitulado “Pensando Goa: Uma Peculiar Biblioteca de Língua Portuguesa”, que iniciou suas atividades em 2014 e é responsável pelo atual dossiê, já que os três organizadores deste número também são membros do projeto.

Muitos que colaboram neste número também integram o projeto, mas há importantes contribuições de intelectuais que refletem sobre Goa de outros pontos de vista.

O dossiê abre com a tradução de um artigo do antropólogo norte-americano Robert S. Newman, “Goa, transformação de uma região Indiana”. Newman teve a oportunidade de realizar pesquisas em Goa no decorrer de doze anos e, portanto, é um grande conhecedor daquela sociedade. Publicado originalmente em 1984, na revista *Pacific Affairs* (v. 57, n. 3), e, posteriormente, em Goa, no livro *Of umbrellas, goddesses and dreams* (2001), trata-se de um texto seminal, uma vez que defende uma visão indiana da sociedade goesa, concebendo a colonização portuguesa como um hiato na história milenar de ocupação humana naquela re-

gião, sem, contudo, desconsiderar seus efeitos nos hábitos e costumes daquelas comunidades.

O estudo de Sandra Lobo, “Línguas, culturas literárias e culturas políticas na modernidade goesa” explora o conceito de cultura literária e a sua importância no campo político. Tratando-se, hoje em dia, de uma sociedade multilíngue, em que convivem o concani, o marata e o inglês como línguas principais, tendo sido o português a língua oficial até 1961,¹ defende a importância de se debruçar sobre a história social, política e intelectual de cada uma dessas línguas, na busca de estimular o diálogo entre elas, sem, contudo, promover o apagamento das tensões e interesses divergentes que geraram a criação de narrativas históricas conflitantes. Essa busca de elaborar um patrimônio goês diverso, mas partilhado, muito provavelmente contribuiria para sarar as feridas produzidas pelo colonialismo.

O texto de Rochelle Pinto, “In keeping with character – early encounters with ethnography in *Os brahmanes*”, propõe que leiamos o romance *Os brahmanes* (1866), do goês Francisco Luís Gomes, não como uma obra que distorce a realidade empírica ou como imitação imperfeita dos modelos literários europeus, mas sim como um encontro entre o gênero romance e a etnografia. O romance absorve e antecipa o trabalho etnográfico e abre-se a possibilidade de examinar um *continuum* de estratégias narrativas entre o relatório colonial e a ficção romanesca.

Já Joana Passos traz à tona a questão da diáspora e da adoção, pelos goeses, da língua inglesa no campo literário. Em seu trabalho “Goa na diáspora e na literatura indiana em língua inglesa” apresenta um resumido quadro histórico da origem da literatura goesa de língua inglesa, apontando algumas das suas principais características. Sobretudo após o fim do colonialismo português, a literatura goesa de língua inglesa teve um forte crescimento. Um dos maiores representantes da literatura indiana de língua inglesa é o romancista Amitav Ghosh, que tem residência em Goa e cuja trilogia sobre a Guerra do Ópio é abordado no final do artigo. A produção da diáspora, caracterizada por privile-

1 Após essa data, o português passou pouco a pouco a constituir mais uma língua de família do que uma das línguas efetivamente faladas em Goa, ainda que alguns goeses entendam que o português continue a ser uma das línguas de Goa.

giar a língua inglesa, é debatida a partir da análise do romance *Skin* (2010), de Margaret Mascarenhas.

O texto de Cibele Aldrovandi, “Śrī Śāntādhurgā Devī: análise preliminar das fontes textuais goesas em língua portuguesa”, trata da paisagem sagrada associada à deusa Śrī Śāntādhurgā nas Velhas Conquistas, isto é, nas terras que os portugueses conquistaram ainda no século XVI, pois no século XVIII novas áreas foram anexadas para o interior do continente, designadas de Novas Conquistas. Nas Velhas Conquistas, os templos hindus foram destruídos, mas, a partir de um levantamento dos antigos *Forais de Ilhas, Salcete e Bardez*, Aldrovandi consegue recuperar e revisar informações sobre a efetiva grandeza dos cultos às divindades femininas, privilegiando sua deusa mais popular, Santeri – Śāntādhurgā. Chega mesmo a identificar templos de culto à deusa até então desconhecidos, o que permitirá reavaliar as análises até então existentes da extensão do referido culto.

Inocência Mata vem contribuir com uma leitura de um romance do angolano Eduardo Agualusa, cujo cenário social é aquela ex-colônia portuguesa. “Um estranho em Goa: viagem transitiva a um Oriente em demanda” aborda a questão identitária do goês, que trespassa toda a trama do romance. Mata identifica uma constante negociação dessa identidade entre suas duas principais matrizes: indiana e a portuguesa, resultando na constituição de um sujeito transcultural. Também evidencia que o narrador, um jornalista, acaba por funcionar como uma espécie de cartógrafo dessa dupla herança cultural e ideológica, atribuindo sentido às conexões transculturativas que vai identificando na construção identitária da comunidade goesa. Na busca de entender essa comunidade, o narrador acaba também reconhecendo sua não pertença e a parcialidade de sua compreensão daquele universo. Todavia, segundo Mata, mais importante do que afirmar uma visão de Goa, o que se faz no romance é a representação de múltiplas identitárias.

No campo das diversas abordagens que se podem ter daquela antiga colônia portuguesa caminha também o trabalho de Rogério Puga: “Representações da Goa católica pós-colonial e a ‘poética da sujidade’ na crônica de viagem ‘Goa the Unique’ (1964), de Graham Greene”. O artigo trata da crônica de Greene publicada no jornal *Sunday Times* em dezembro de 1963, focalizando o modo como o escritor representa Goa logo após o fim do colonialismo português. Nessa altura, ainda era incerto o futuro político do território. Greene valoriza a singularidade

de Goa, caracterizada pelo catolicismo e pelos hábitos de higiene, em contraposição à Índia, qualificada como suja, doente, ameaçadora, todos estereótipos já bastante cultivados na literatura inglesa.

O texto de Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira, “Ler direito: o testamento de Olivier-Simon Le Bon (Goa, 1780)”, analisa documentação jurídica no intuito de ler nas entrelinhas. O autor parte do princípio de que, à semelhança dos textos literários, a documentação jurídica pode auxiliar no entendimento da história goesa. Para tanto, trata do testamento de Olivier-Simon Le Bon, de 1780, que lhe permite conhecer melhor a passagem desse prelado pela capital do antigo Estado da Índia Portuguesa e os conflitos intensos dos missionários da Igreja católica, divididos entre os que defendiam o Padroado Português do Oriente e os que apoiavam a Propaganda Fide, na disputa pela hegemonia da catequização na Ásia.

✓ Catarina Nunes de Almeida contribui com este volume com uma abordagem de Goa a partir da poesia portuguesa. Em seu artigo “Goa no itinerário íntimo dos poetas portugueses contemporâneos”, que contempla escritores dos séculos XX e XXI, revisita a Ásia de colonização portuguesa a partir de um conjunto de ideias e de imagens poéticas que muitas vezes remetem, com um certo saudosismo, ao Império quinhentista. Entende que essa redescoberta poética da Índia nestes últimos três séculos revela a permanência de um tópico recorrente na literatura portuguesa, ao mesmo tempo que constrói uma alegoria da aprendizagem do olhar em que se desenham diversos itinerários, quer vividos, quer sonhados. A viagem à Índia seria acima de tudo um discurso da memória cultural portuguesa, sendo que a poesia contemporânea confirmaria essa continuidade simbólica.

Encerra-se, assim, o dossiê sobre literatura e cultura em Goa. Todavia, na seção outros textos, Evelyn Blaut Fernandes trata do romance *Uma viagem à Índia* (2010), de Gonçalo M. Tavares, reafirmando a sobrevivência desse imaginário apontado por Catarina Nunes de Almeida. No texto “A rota e o roteiro: fuga para as Índias de Gonçalo M. Tavares e Luís de Camões”, Fernandes relaciona o romance com a epopeia de Camões, demonstrando o quanto é atual ao parodiar e subverter os modelos clássicos.

Geraldo Augusto Fernandes, em “O *inversio* no *Cancioneiro geral* de Resende: *adynata* e sínqueses”, analisa, por meio de artifícios retóricos, como os poetas palacianos do *Cancioneiro geral* desenvolveram a *elocutio*, ali definida como

“parte da Retórica que, na Idade Média, aliou-se à rima, ao metro e ao ritmo para, com as figuras e os tropos, enformar uma nova poética”. Atento às figuras e tropos nos poemas de formas mistas do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, constata que aquela coleção não foi somente um grande repositório da tradição e da renovação, mas constitui-se como uma espécie de arte poética do modo de composição do final do século XV e início do XVI em Portugal.

O trabalho de Diego Luiz Müller Fascina e de Alice Aurea Penteado Martha, “O fantástico no conto ‘Miss Algrave’, de Clarice Lispector”, propõe uma leitura original desse conto, fundamentada na teórica fantástica de Tzvetan Todorov. Também tratam do insólito na obra da escritora e acabam por demonstrar que, mesmo empregando uma técnica nova, o conto verte água no mesmo moinho dos outros contos da coletânea que integra isto é, a elaboração recorrente de uma crítica em relação à condição feminina e uma firme condenação do autoritarismo patriarcal.

Em “A poética apurada de *Manucure* de Mário de Sá-Carneiro”, Maria Mikhailovna Mazniak nos apresenta uma leitura desse poema publicado em 1915 na revista *Orpheu*. No decorrer de sua análise, identifica naqueles versos técnicas cubistas, princípios futuristas e alguns elementos do interseccionismo, da lavra de Fernando Pessoa, reafirmando o quanto Sá-Carneiro foi um dos principais agentes do modernismo português.

Paolo La Valle contribui com uma análise do texto *La armata dei sonnambuli* (2014), último romance do coletivo italiano de escritores designado por Wu Ming. Seu texto, “Loucura e escritura em *L’armata dei sonnambuli*, de Wu Ming”, focaliza a importância que a obra de Foucault intitulada *Histoire de la folie à l’âge classique* (1960) teve para aquela criação. A obra é o desfecho de vinte anos de experiências sobre as formas do romance histórico e narra a história da Revolução Francesa a partir das ideias de Foucault sobre a loucura, oferecendo uma história diferente, uma versão antagonista dos acontecimentos.

Na seção de resenhas, que se articula tematicamente com o dossiê, temos o texto de Benjamin Abdala Junior, focalizando o lançamento do romance *Preia-mar* (2106), de Epitácio Pais. Trata-se de uma obra de publicação póstuma, cujo posfácio é assinado por Paul Melo e Castro e Hélder Garmes, que editaram o texto.

Cielo G. Festino comenta a edição *Lengthening shadows* (2015), uma coletânea de contos em língua portuguesa de Goa, que recobre o período de 1860 a

1980. Os textos foram recolhidos em jornais e traduzidos do português por Paul Melo e Castro, que também assina o texto introdutório da obra.

Há ainda a contribuição de Alice Santiago Faria, que analisa detidamente uma importante obra de 2015, da historiadora portuguesa Filipa Lowndes Vicente, *Entre dois impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*, sobre a representação de Goa por intelectuais e escritores ingleses face ao Raj Britânico.

A seção literária abre com um texto introdutório assinado pelos três editores e apresenta obras dos seguintes contistas goeses: Epitácio Pais, Maria Elsa da Rocha, Soter Barreto, Damodar Mauzó e Manohar Shetty.

Esperamos que este novo número da *Via Atlântica* sobre a literatura e cultura de Goa possa ajudar a inserir a Ásia no mapa-múndi das literaturas de língua portuguesa.

Duarte Drumond Braga
Universidade de São Paulo

Paul Melo e Castro
University of Leeds

Hélder Garmes
Universidade de São Paulo